

BARREIRAS INFORMACIONAIS VIVENCIADAS POR IDOSOS: ANÁLISES A PARTIR DE DOCENTES APOSENTADOS DO ENSINO SUPERIOR

INFORMATIONAL BARRIERS EXPERIENCED BY ELDERLY PEOPLE: ANALYSIS AMONG RETIRED PROFESSORS FROM HIGHER EDUCATION

Eliany Alvarenga de Araújo^a
Rubem Borges Teixeira Ramos^b

RESUMO

Objetivo: Analisar barreiras informacionais vivenciadas por idosos (docentes aposentados da Universidade Federal de Goiás-UFG). Para tanto, identifica as fontes de informação utilizadas e verifica as barreiras informacionais que reduzem e/ou impedem o uso efetivo da informação, e ainda propõe a análise das dimensões (cognitivas, emocionais e situacionais) como elementos que constituem as barreiras informacionais. **Metodologia:** A pesquisa utilizou amostra aleatória, estruturada a partir de dois critérios: a) docente aposentado da UFG com mais de 60 anos e filiado ao ADUFG-Sindicato b) docente aposentado, que manifestou sua concordância em participar durante o período previsto para a realização das entrevistas. A partir dessas definições, foram entrevistados 43 docentes, sendo 18 homens (42%) e 25 mulheres (58%). A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas guiadas. **Resultados:** A partir da análise dos dados, ficou evidente o uso preponderante de fontes de informação digitais (redes sociais: YouTube, Instagram e WhatsApp) em detrimento de fontes de informação tradicionais (rádio, televisão, jornal impresso, livro impresso e contatos pessoais presenciais). Nesse sentido, os idosos pesquisados estão vivenciando uma forte transição em direção ao uso intensivo de fontes de informação digitais. Em termos das barreiras informacionais vivenciadas, se destacaram as seguintes: sobrecarga informacional (50%), desinformação (30%) e ansiedade informacional (20%). **Conclusões:** Considera-se que o estudo de barreiras informacionais e suas dimensões possibilita, em um primeiro momento, a compreensão mais completa do comportamento informacional e, em um segundo momento, a compreensão do fenômeno informacional de forma mais ampla. A partir destas compreensões, pode-se planejar e implementar serviços e produtos de informação mais úteis aos sujeitos

^a Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB). Docente do curso de graduação em Gestão da Informação da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiás, Brasil. E-mail: eliany.alvarenga@ufg.br.

^b Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Docente do curso de graduação em Gestão da Informação da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiás, Brasil. E-mail: rubemborges@ufg.br

informacionais. A redução ou eliminação destas barreiras se constitui atualmente em um dos maiores desafios para a manutenção da integridade das informações e seu uso competente e ético.

Descritores: Barreiras Informacionais–Idosos. Barreiras Informacionais–Dimensões. Comportamento Informacional. Docentes Aposentados. Ensino Superior.

1 INTRODUÇÃO

Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o total de brasileiros (as) registrados pelo Censo Demográfico realizado em 2022, em termos da população idosa com 60 anos ou mais – faixa etária oficialmente determinada por legislação no Brasil, é de 32.113.490 de pessoas. Este quantitativo representa 15,6% do total da população brasileira, e confirma um aumento de 56% em relação ao Censo Demográfico realizado em 2010. Assim como em outros países, o Brasil está vivenciando um processo acelerado de envelhecimento populacional. Esta situação coloca o processo de envelhecimento como uma das principais demandas a serem discutidas e planejadas por governos e sociedades (IBGE, 2022).

Os idosos convivem com um conjunto de mudanças constantes e de diferentes naturezas. Além das mudanças de ordem biológica, emocional e social inerentes a este estágio de vida, os idosos vivenciam atualmente a Sociedade Informacional. Esta sociedade pode ser compreendida, conforme Castells (1999, p. 46), como “A organização social em que a geração, processamento e a transmissão tornam-se as fontes fundamentais de produtividade devido às novas condições tecnológicas surgidas neste período histórico”. Desta forma, a busca, o acesso e o uso efetivo da informação são dinâmicas constantes na sociedade contemporânea. Vale salientar que o comportamento informacional inerente a este atual estágio de organização social tem como pressuposto básico a capacidade de leitura e escrita atreladas a competência para o manuseio de tecnologias de informação e comunicação (TICs), tais como *smartphones*, computador pessoal, etc. Por meio dessas tecnologias, consegue-se o acesso e uso de fontes de informação digitais (*internet* e redes sociais: *Facebook*, *Instagram*, *Tik Tok*, *X* - antigo *Twitter*, dentre outras), que caracterizam a sociedade informacional. O ambiente destas fontes

de informação se caracteriza por um intenso fluxo de informações, que pode gerar sobrecarga informacional.

Araújo (2021) considera que a sobrecarga informacional pode ser caracterizada por sentimentos de ansiedade e/ou angústia, em decorrência da percepção da limitação cognitiva e/ou esgotamento mental em termos do uso competente da enorme quantidade de dados e informações à disposição do usuário de informação. O acesso e uso desta enorme quantidade de dados e informações pode gerar dificuldades de compreensão em termos da atribuição de significados, da construção de conhecimentos e da tomada de decisões por parte deste usuário. Neste ambiente, podem ser geradas diferentes patologias informacionais, tais como: infodemias, desinformação, ansiedade informacional, *fake news*, pós-verdade, entre outras.

A partir destas considerações iniciais, esta pesquisa indaga: Que barreiras informacionais estariam sendo vivenciadas por idosos no atual contexto da Sociedade Informacional?

Vale salientar que, no âmbito desta análise, considera-se que as barreiras informacionais se caracterizam como dificuldades que impedem ou reduzem o acesso e o uso efetivo de fontes de informação. Considera-se que as barreiras informacionais se relacionam diretamente ao sujeito informacional e suas habilidades para determinar suas necessidades informacionais, bem como desenvolver buscas e usos efetivos de informação. Assim, se o sujeito informacional não detém competências informacionais bem definidas, ele pode vivenciar barreiras que reduzem ou impedem o uso efetivo e de qualidade das informações acessadas. A partir destas considerações, que interrelacionam a busca e o uso de informação por idosos no atual contexto da Sociedade Informacional, objetiva-se analisar as barreiras informacionais vivenciadas por idosos. Em termos mais específicos, objetiva-se identificar fontes de informação utilizadas pelos idosos pesquisados, bem como verificar as barreiras informacionais que reduzem e/ou impedem o uso efetivo da informação por estes sujeitos informacionais, e analisar as dimensões (cognitivas, emocionais e situacionais) como elementos que estruturam as barreiras informacionais identificadas.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa teve como campo de estudo professores aposentados da Universidade Federal de Goiás (UFG), filiados ao Sindicato dos Docentes das Universidades Federais de Goiás (ADUFG), localizado na cidade de Goiânia-Goiás. Este sindicato representa jurídica e politicamente os/as docentes (ativos ou aposentados), que atuam profissionalmente junto às universidades federais sediadas no estado de Goiás. Esta pesquisa, conforme Silva (2005), é classificada como descritiva, uma vez que apresenta características de determinada população ou fenômeno e estabelece relações entre variáveis (tipos de barreiras informacionais e as dimensões: cognitiva, emocional e situacional). A pesquisa utilizou uma amostra aleatória, estruturada a partir de dois critérios para a escolha dos docentes participantes da pesquisa: a) docente aposentado da UFG, com mais de sessenta anos de idade e filiado ao ADUFG - Sindicato b) docente aposentado, que manifestou sua concordância em participar durante o período previsto para a realização das entrevistas. A partir destas definições, foram entrevistados 43 docentes, sendo 18 homens (42%) e 25 mulheres (58%). A coleta de dados foi realizada entre setembro/dezembro de 2023, por meio de entrevista guiada. Conforme Richardson (1989), este é um tipo de entrevista qualitativa em que o entrevistador utiliza um guia com tópicos a serem abordados e permite que a conversa flua livremente, reconhecendo que sejam explorados detalhes relevantes para o tema da pesquisa. O guia com tópicos utilizado nesta pesquisa continha 4 perguntas abertas/dissertativas (caracterização do entrevistado, histórico da formação acadêmica, fontes de informação utilizadas no cotidiano e barreiras/dificuldades vivenciadas).

Em relação as idades dos docentes pesquisados, temos que, a faixa etária: 70-79 anos obteve 49% de representantes, seguida em segundo lugar pela faixa etária: 80-89 anos, com 33%. De forma mais reduzida, respectivamente, as faixas etárias: 60-69 anos, com 16%, e 90-99 anos, com apenas 2%. Vale salientar que esta pesquisa foi avaliada pelo Comitê de Ética em Pesquisa-CEP/UFG (<https://cep.prpi.ufg.br/>), e teve autorização para sua realização conforme o Parecer CAAE: 65411822.9.0000.5083.

A partir destas considerações iniciais, apresentam-se, em um primeiro momento, as análises conceituais sobre os temas: pessoa idosa e barreiras informacionais, e em um segundo momento, as análises dos dados coletados sobre as fontes de informação utilizadas, as barreiras informacionais vivenciadas pelos idosos pesquisados e as dimensões presentes em tais barreiras.

3 PESSOA IDOSA: ABORDAGEM CONCEITUAL

Com o aumento da expectativa de vida da população mundial, os estudos acerca do envelhecimento humano estão se desenvolvendo de maneira considerável. De acordo com estudos da Organização Mundial de Saúde (OMS, 2015), o número de pessoas com idade superior a 60 anos chegará a 2 bilhões de indivíduos até 2050, o que representará um quinto da população mundial. Dados do Ministério da Saúde indicam que, no Brasil, em 2030, o número de idosos deve ultrapassar o número de jovens. Assim, estudos e políticas públicas voltadas a gerar qualidade de vida para esta parcela da população são de grande importância, pois se relacionam diretamente a um número cada vez mais expressivo de pessoas.

Objetivando ampliar a análise sobre este tema, indaga-se: o que é a pessoa idosa? Existem diversos conceitos em relação ao idoso ou a pessoa idosa. Conforme o Estatuto da Pessoa Idosa - Lei nº 10.741/2003 (Brasil, 2003) o idoso é a pessoa com idade igual ou superior a sessenta (60) anos. Vale salientar que, no ano de 2023, o Estatuto da Pessoa Idosa completou 20 anos de vigência. A partir deste estatuto, foi decretado que as pessoas idosas têm direitos fundamentais adquiridos, estabelecidos de forma a preservar tanto sua saúde com dignidade quanto de não serem submetidas a nenhum tipo de constrangimento, ressaltando-se qualquer tipo de discriminação perante a sociedade. Em evento realizado em 2014 pelo Ministério da Saúde, foi definida a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa, que reforça a importância de implementar a avaliação funcional individual e coletiva da pessoa idosa. Nesse sentido, ela considera três categorias de pessoas idosas:

1. O idoso independente, aquele capaz de realizar sem dificuldades e sem ajuda todas as atividades da vida diária;

2. Os indivíduos idosos com potencial para desenvolver fragilidade, que são independentes, mas apresentam algumas dificuldades nas atividades instrumentais de vida diária e merecem atenção específica pelas equipes de saúde com acompanhamento mais frequente;

3. Os idosos frágeis ou em situação de fragilidade, que são os que vivem em instituições de longa permanência para idosos.

Segundo Barros (2011 *apud* Cezar, 2018), existem duas possibilidades de envelhecimento coexistentes, que são incorporados nas trajetórias de vida dos indivíduos, como modelos orientadores para a ação: uma delas relacionada ao conjunto de ideias correspondentes ao envelhecimento ativo e ideais da terceira idade (independência, liberdade e capacidade para agir), e a outra possibilidade como sendo a da velhice estigmatizada, percebida como o fim da vida, doença e solidão destacada por Cezar (2018).

Debert (2004 *apud* Cezar, 2018) afirma que a categorização de idades, sob o ponto de vista dos direitos e deveres, assim como as especificidades de comportamentos, que são típicos de cada faixa etária (jovem/adulto/velho), é sobremaneira acompanhada por laços simbólicos que privilegiam a formação de novos atores políticos e, sobretudo, a criação de novos mercados de consumo. No caso da velhice, por exemplo, uma infinidade de mercados direcionados a essa parcela de indivíduos já são uma realidade, como se comprova em cases empresariais registrados pelo SEBRAE nas iniciativas: Eu Vô (empresa especializada no transporte de passageiros idosos, localizada em São Carlos/SP, que oferece aos seus motoristas parceiros treinamentos gerontológico e de primeiros socorros); a ISGame (empresa de São Paulo (SP), criadora do Serious Game, que é um programa para estimular a atividade cognitiva de idosos por meio de cursos para que possam desenvolver games para celular); e a B-Active (rede de academias esportivas que tem suas atividades voltadas para o público da terceira idade).

Vale salientar ainda que um novo conceito jurídico de pessoa idosa está sendo discutido no Congresso Nacional brasileiro. É neste sentido que o projeto de lei nº 5.383/19 (Brasil, 2019) está propondo a alteração da legislação vigente, para que as pessoas sejam consideradas idosas a partir dos 65 anos de idade.

Atualmente, este projeto de lei ainda está em andamento para votação na Câmara dos Deputados.

Almeida (2003) destaca que os idosos têm ampliado o uso de tecnologias de informação e comunicação (TICs) para as mais diversas tarefas, seja para atuar no trabalho para quem ainda está no mercado de trabalho, seja para manter contatos com amigos e principalmente com familiares. Desta forma, as TICs possibilitam que o idoso tenha independência em termos da busca, acesso e uso de informações e, a partir deste comportamento informacional, podem se manter informados sobre diferentes assuntos e resolver questões da vida cotidiana, facilitando sua convivência social. Assim, atualmente, os idosos estão conectados às redes sociais e já passaram pela transição da era analógica para a era digital. A transição tecnológica (do rádio e da televisão para a internet, computador, *tablet*, celulares, dentre outros dispositivos) evidenciam uma dinâmica de migração tecnológica que impacta na vida destes idosos.

Conforme Alves (2019), devido ao envelhecimento da população, em muitos países, a tecnologia tem desempenhado um papel importante na melhoria da qualidade de vida. Com a ajuda de tecnologias inovadoras, os idosos podem ser capazes de viver de forma mais independente, participar mais plenamente na sociedade e manter sua saúde e bem-estar. É cada vez mais perceptivo que a tecnologia pode ter um grande impacto na qualidade de vida dos idosos, oferecendo-lhes acesso e serviços que podem melhorar a sua independência.

Considerando os autores citados, pode-se reunir elementos que caracterizariam a pessoa idosa. Assim, em termos da legislação brasileira no Estatuto da Pessoa Idosa - Lei nº 10.741/2003 (Brasil, 2003), a pessoa idosa tem mais de 60 anos. Mas se o projeto de lei -PL 5383/2019 (Brasil, 2019) for aprovado, esta idade poderá subir para 65 anos. Ainda em termos normativos, o Plano Nacional de Saúde da Pessoa Idosa considera três categorias de pessoas idosas: idoso independente, indivíduos idosos com potencial para desenvolver fragilidade e idosos frágeis ou em situação de fragilidade, que são os que vivem em instituições de longa permanência. Estas categorias destacadas, no âmbito desta política pública, evidenciam a complexidade que envolve este momento da

vida humana. Outro aspecto importante deste momento é a questão das duas possibilidades de envelhecimento que coexistem em nossa sociedade: envelhecimento ativo e ideais da terceira idade (independência, liberdade e capacidade para agir), e a outra possibilidade é o da velhice estigmatizada, percebida como o fim da vida, doença e solidão. Entre estas duas possibilidades se constroem modelos, que orientam tanto as vivências das pessoas idosas como o mercado de bens de consumo e serviços dedicados a este grupo populacional. Por fim, tem-se a discussão atual sobre a relação da pessoa idosa com as TICs. É apresentada a possibilidade de que tal relação possibilite a geração de vínculos que ampliam a independência da pessoa idosa, por meio dos novos espaços de comunicação e informação gerados com o uso de redes sociais, mas também é destacado que esta relação pode gerar sobrecarga informacional, na medida em que a quantidade de informações disponíveis e veiculadas em uma base diária junto a estas redes são imensas.

4 BARREIRAS INFORMACIONAIS: CONCEITUAÇÃO E TIPOLOGIA

Os primeiros estudos sobre barreiras informacionais registrados na área da Ciência da Informação (CI) se localizam na década de 1970, realizados por meio de pesquisas desenvolvidas pelo estudioso alemão Gernot Wersig (1976). Por outro lado, os estudos sobre usos e usuários da informação registrados na CI se localizam entre as décadas de 1950 a 1970 e, posteriormente, nas décadas de 1980 e 1990, surgem estudos que evoluíram a partir da temática usos e usuários da informação, partindo-se, conforme constata Matta (2010), do entendimento acerca de

[...] qual o caminho percorrido pelas pessoas na busca pela informação. A necessidade de informação não é única, comum a todos os indivíduos, mas própria e específica de cada um deles. Procura-se dar atenção maior a entender como os usuários processam a informação do que ao desenvolvimento do sistema em si e a inserção de novas tecnologias. Com essa visão, os estudiosos da ciência da informação passaram a inserir conteúdos e teorias de outras áreas do conhecimento, como a psicologia, o que propiciou o desenvolvimento mais aprofundado dos estudos de usuários que passaram a focar não apenas os aspectos tradicionais de uso, busca e necessidade de informação, mas também os aspectos e as características

personais e coletivas dos usuários em torno da informação. Começa-se, então, o interesse por estudos mais completos em relação aos usuários da informação, e surgem com maior incidência pesquisas envolvendo o chamado comportamento informacional. (Matta, 2010, p. 131 – 132).

Esses estudos passaram então a ser denominados, conforme cita este autor, de comportamento informacional, e se desenvolveram, em sua maior parte nos Estados Unidos da América e no Reino Unido. Estas localizações geográficas diferentes podem explicar a ausência das barreiras informacionais nos estudos sobre comportamento informacional. Por meio desta pesquisa, procura-se promover uma aproximação destes dois conceitos fundamentais para a compreensão do fenômeno informacional enquanto uma ação humana. Assim, o fenômeno informacional pode ser estudado por meio do comportamento informacional, ou seja, por meio das dinâmicas de determinação das necessidades informacionais e, posteriormente, pelas dinâmicas de busca e uso efetivo da informação. Mas este mesmo fenômeno pode ser estudado também por meio das dificuldades encontradas pelo sujeito informacional quando está desenvolvendo tais dinâmicas. Estas dificuldades podem ser compreendidas como barreiras informacionais. Nesta pesquisa, considera-se que estas barreiras fazem parte do comportamento informacional, e o estudo destas barreiras pode ampliar a compreensão sobre o sujeito informacional e as influências dos contextos e situações vivenciadas na determinação de necessidades, estratégias de busca e uso efetivo de informações.

Em termos conceituais, diferentes compreensões estão registradas na literatura brasileira da área da CI sobre as barreiras informacionais. Tavares (2015) considera que as barreiras informacionais são entraves que atuam nos momentos da busca, acesso e uso da informação, e que tais dificuldades são dadas devido aos canais e fontes de informação. Já Silva (2015) considera que as barreiras informacionais podem ser conceituadas como qualquer impedimento ao acesso à informação, devido a características dos canais de comunicação. Inomata *et al* (2017) consideram que essas barreiras surgem devido a ampla consciência que se tem da importância da informação e, conseqüentemente, da busca e uso constante que se desenvolve tendo por base a informação, bem como das diferentes formas de sua organização em

diferentes fontes de informação. Nascimento e Mata (2020) consideram que tais barreiras são impedimentos ao acesso à informação. Silva (2010) ressalta que as barreiras informacionais são elementos intervenientes no âmbito do comportamento informacional de busca de informação. Brasileiro e Almeida (2021) citam Araújo (2021), no sentido em que concordam que as barreiras informacionais são elementos inerentes ao fenômeno informacional, pois se relacionam diretamente ao sujeito informacional e suas habilidades em determinar suas necessidades informacionais, bem como em desenvolver buscas e usos efetivos em um contexto de competências informacionais precárias e ambientes complexos e adversos. Araújo (2021) afirma que as barreiras informacionais são dificuldades enfrentadas pelos sujeitos informacionais nos processos de busca, acesso e uso da informação. Ramos e Araújo (2021) concordam que tais barreiras são dificuldades que impedem ou reduzem o acesso e uso de fontes de informação consideradas importantes pelo sujeito informacional.

A partir destas contribuições conceituais, pode-se considerar que as barreiras informacionais são elementos que compõem o fenômeno informacional e dificultam a determinação das necessidades, a busca competente e o uso efetivo da informação. Em um segundo momento, pode-se analisar a origem das barreiras informacionais. Alguns dos autores da CI brasileira citados anteriormente (Tavares, 2015; Silva, 2010; Inomata *et al*, 2017), consideram que as barreiras informacionais se originam junto aos canais e fontes de informação. Assim, a origem das barreiras se daria em decorrência das diferentes formas de organização da informação, no âmbito dos canais e fontes de informação. Entretanto, Brasileiro e Almeida (2021) e Araújo (2021) consideram que a origem das barreiras informacionais se daria na precária competência do sujeito informacional em definir necessidades de informação pertinentes e em desenvolver buscas e usos efetivos de informação, considerando-se inclusive para tanto os ambientes complexos e adversos, bem como os aspectos pessoais e coletivos que o envolvem em sua relação com a informação.

Em termos dos tipos de barreiras informacionais, Wersig (1976) *apud* Araújo (1998) destaca as seguintes:

1) Barreiras interpessoais: Envolvem as relações de mediação entre profissionais de diferentes áreas de conhecimento com os usuários de informação;

2) Barreiras intra-organizativas: Relacionadas às hierarquias das organizações que originam dificuldades na obtenção da informação pelo usuário;

3) Barreiras terminológicas: Desconhecimento dos termos técnicos para identificar o documento, dificultando o acesso às informações ou contextualizando interpretações errôneas, e, conseqüentemente, perda de tempo na busca;

4) Barreiras ideológicas: Diferentes grupos sociais que possuem ideologias diferentes, mas que convivem na mesma sociedade;

5) Barreiras econômicas: Relativas ao valor da informação, enquanto produto de mercado (mercadoria);

6) Barreiras legais: Restrições ao acesso e uso da informação, com destaque para a informação tecnológica que se refere a produção de bens e serviços;

7) Barreiras de eficiência: Tanto do mediador/profissional da informação, quanto do usuário da informação, relacionadas às estratégias de buscas ineficientes;

8) Barreiras financeiras: Envolvem altos custos financeiros para a obtenção/acesso às informações por parte dos usuários;

9) Barreiras de idioma: Relacionadas a fontes e documentos em línguas estrangeiras desconhecidas pelo usuário;

10) Barreiras de capacidade de leitura: Relativas às competências do usuário em compreender as informações selecionadas;

Vale salientar que, atualmente, as barreiras informacionais se estruturam de forma renovada por meio de variadas patologias informacionais. Conforme Araújo (2021), no contexto da Sociedade Informacional, o imenso volume de dados e informações sobre qualquer assunto se multiplica de forma exponencial, e acaba por gerar novos tipos de barreiras informacionais, tais como:

1) Desinformação: Relaciona-se a informação falsa ou imprecisa que objetiva provocar engano ou confusão, conforme Pinheiro e Brito (2014);

2) Pós-verdade: Relativa à informação baseada em apelos emocionais e em crenças pessoais que desconsideram os fatos objetivos que originam a mesma, conforme Moraes, Almeida e Alves (2020);

3) Sobrecarga informacional: Relativa ao estado emocional do usuário da informação onde a eficiência no uso de informação torna-se um obstáculo devido à dificuldade em gerar conhecimento pertinente devido da imensa quantidade de informação disponível, conforme Bawden e Robinson (2009);

4) Ansiedade informacional: Caracteriza-se pela condição de stress causado pela inability em acessar, compreender ou fazer uso da informação necessária, conforme Bawden e Robinson (2009).

Um aspecto inovador sobre a compreensão quanto as barreiras informacionais no âmbito da CI, apresentado por este estudo, relaciona-se a proposta de incorporação de três dimensões (cognitivas, emocionais e situacionais) como elementos constitutivos de tais barreiras.

O uso da informação é construído porque é o usuário da informação que atribui significado à informação fria. A maneira como a informação ganha forma e propósito depende das estruturas cognitivas e emocionais do sujeito. Cognitivamente, o usuário da informação estabelece uma situação problema, especifica limites, objetivos, meios, fatos, objetos, relacionamentos, etc., delimitando suas necessidades cognitivas e definindo um espaço de busca de informações. (Choo, 2003, p. 107).

A dimensão cognitiva, destacada por Choo (2003), encontra apoio no modelo de criação de significado de Dervin (1992). Este modelo utiliza uma metáfora que descreve um indivíduo caminhando na sua experiência. A cada momento é dado um novo passo, sendo que o passo pode ser uma repetição de um comportamento passado, mas uma descontinuidade na informação acumulada teoricamente é sempre nova, pois está ocorrendo em outro momento no tempo e no espaço. Porém, a caminhada pode ser interrompida por uma descontinuidade na informação acumulada até aquele momento, representada por uma lacuna ou um vazio, que na percepção do indivíduo o impede de continuar sem construir um novo sentido ou mudar o atual. Neste contexto de vazio cognitivo se instala a necessidade de informação. Considera-se que a

descontinuidade na informação acumulada gerando a lacuna ou o vazio, destacado por Derwin (2003), pode ser compreendida como barreira informacional, uma vez que tal descontinuidade se caracteriza por dificuldades/impedimentos para o usuário avançar em sua busca por informações pertinentes. Dessa forma, as barreiras interpessoais, terminológicas, ideológicas, de idiomas, de eficiência e de capacidade de leitura revelam elementos da dimensão cognitiva que envolvem o sujeito informacional (relações sociais/formas de mediação, desconhecimento de termos técnicos e de línguas estrangeiras, diferentes ideologias/visões de mundo).

Kuhlthau (1991) considera que a busca de informações está envolta em emoções, uma vez que pode gerar dúvidas e incertezas, gostos e aversões. Conforme esta autora,

Emocionalmente, os sentimentos alertam o indivíduo a prestar atenção a certos sinais especialmente importantes e a preferir e selecionar certas fontes, mensagens e táticas de busca de informação com base em sentimentos resultantes de experiências passadas com fontes e métodos semelhantes. (Kuhlthau, 1991, p. 23).

Esta pesquisadora observou padrões comuns nas experiências de buscas de informações desenvolvidas pelos usuários. Ela dividiu este processo em seis estágios: iniciação, seleção, exploração, formulação, coleta e apresentação. Assim, durante a iniciação (reconhecimento da necessidade de mais informações) podem surgir sentimentos de insegurança e apreensão. Na etapa da seleção de informações (identificação de um tema geral ou campo de conhecimento a ser investigado), os sentimentos de insegurança e apreensão são substituídos por otimismo e prontidão para a busca. Na etapa de exploração (expansão da compreensão sobre o tema geral), diante a imensa quantidade de dados e informações obtidas surgem sentimentos de frustração, dúvida e confusão. Na etapa da formulação (estabelecimento de um foco ou perspectiva sobre o problema), a confiança cresce e gera segurança e clareza. Na etapa da coleta (interação com sistemas e serviços de informação para reunir a material selecionado), o usuário da informação se sente confiante e com senso de direção. Finalmente, na etapa final do modelo de Kuhlthau (1991), se dá a apresentação (o usuário da informação completa a busca e resolve o

problema/necessidade). Nesta etapa, os sentimentos possíveis de serem constatadas são de alívio e satisfação diante do atendimento da necessidade, ou de desapontamento e insatisfação se a necessidade não foi atendida. No modelo teórico proposto por Kuhlthau (1991), se destaca o princípio da incerteza na busca da informação. Assim,

A incerteza diante de uma falta de compreensão, de um vazio de significado, de uma construção limitada, inicia o processo de busca da informação. A incerteza é um estado cognitivo que costuma provocar sintomas emocionais de ansiedade e insegurança. A incerteza e a insegurança são comuns nos primeiros estágios do processo de busca da informação. Os sintomas emocionais de incerteza, confusão e frustração estão associados a pensamentos vagos, confusos sobre um determinado tópico ou questão. Quando o estado de conhecimentos muda e surgem pensamentos com um foco, uma mudança correspondente é percebida no crescimento da confiança. (Kuhlthau, 1991, p. 23).

Considera-se que as barreiras sobrecarga informacional, pós-verdade, desinformação e ansiedade informacional revelam elementos da dimensão emocional, pois envolvem sentimentos que compõem a personalidade do sujeito informacional. Portanto,

O uso da informação é situacional, ou seja, o meio social ou profissional ao qual o indivíduo pertence, a estrutura dos problemas enfrentados pelo grupo a que pertence, o ambiente onde os grupos vivem e/ou trabalham e o modo de resolver os problemas geram uma combinação dinâmica para o uso da informação. Desta forma, o contexto influencia o uso de informação pois define normas, convenções e práticas que moldam os comportamentos por meio dos quais a informação se torna útil. (Choo, 2003, p. 90).

Vale salientar que estas considerações de Choo (2003) se estruturam a partir do estudo de Taylor (1991) sobre os elementos que compõem o ambiente de uso da informação. Conforme Taylor (1991), estes elementos podem ser agrupados em quatro categorias (grupos de pessoas, características do problema, ambiente de convivência e pressupostos para a solução de problemas). Taylor (1991) considera quatro grupos de pessoas: a) profissionais; b) empresários; c) grupos de interesse comuns e d) grupos socioeconômicos. Desta forma, estes grupos de pessoas têm pressupostos e atitudes comuns sobre a natureza do trabalho. Isto influencia o comportamento de busca de informação. As características do problema são os elementos que aglutinam o

foco dos grupos de pessoas. A definição destas características possibilita o conhecimento mais completo das necessidades de informação e, conseqüentemente, auxilia o desenvolvimento de processos de busca de informação mais consistentes. O ambiente de convivência é constituído por elementos físicos e sociais do contexto social em que um determinado grupo de pessoas convive, sendo que este ambiente pode facilitar ou dificultar a busca e acesso às informações, bem como pode regular a disponibilidade e o custo financeiro das informações. Por fim, Taylor (1991) destaca o último elemento que compõem o ambiente de uso da informação: os pressupostos para a solução dos problemas/necessidades. Estes pressupostos, conforme Taylor (1991), são as percepções compartilhadas pelos grupos de pessoas sobre o que constitui a solução de seus problemas/necessidades. Para Taylor (1991, p. 25), “a maneira como as pessoas veem seus problemas/necessidades e antecipam as soluções constitui um caminho consistente (embora inconsciente) de controlar a quantidade de informações usadas”.

Desta forma, quando as pessoas ou os grupos de pessoas utilizam os recursos ofertados pelo ambiente de uso da informação ocorre uma interação na qual a informação pode se tornar útil. Assim, este ambiente é um elemento essencial na compreensão das origens e conseqüências das barreiras informacionais.

Considera-se que as barreiras intra-organizativas, econômicas, legais e financeiras revelam elementos da dimensão situacional, uma vez que são elementos estruturantes do ambiente de uso da informação, bem como dos contextos de convivência social dos sujeitos informacionais.

A partir destas considerações, apresenta-se o quadro 1 (a seguir), que reúne as dimensões cognitivas, emocionais e situacionais, conforme Choo (2003), Dervin (1992), Kuhlthau (1991) e Taylor (1991), e as barreiras informacionais citadas a partir de Wersig (1976), Pinheiro e Brito (2014) e Bawden e Robinson (2009).

QUADRO 1 – Barreiras informacionais e suas dimensões (cognitiva, emocional e situacional)

Barreiras informacionais: terminológicas, ideológicas, de idiomas, de eficiência e de capacidade de leitura.	DIMENSÃO COGNITIVA
Barreiras informacionais: interpessoais, sobrecarga informacional, desinformação, Fake News, ansiedade informacional.	DIMENSÃO EMOCIONAL
Barreiras informacionais: intra-organizativas, econômicas, legais e financeiras.	DIMENSÃO SITUACIONAL

Fonte: Dados de pesquisa (2024).

5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Os dados analisados sobre as fontes de informação utilizadas e as barreiras informacionais vivenciadas serão apresentadas a seguir. Em um segundo momento, apresentam-se as análises sobre as dimensões que caracterizam tais barreiras.

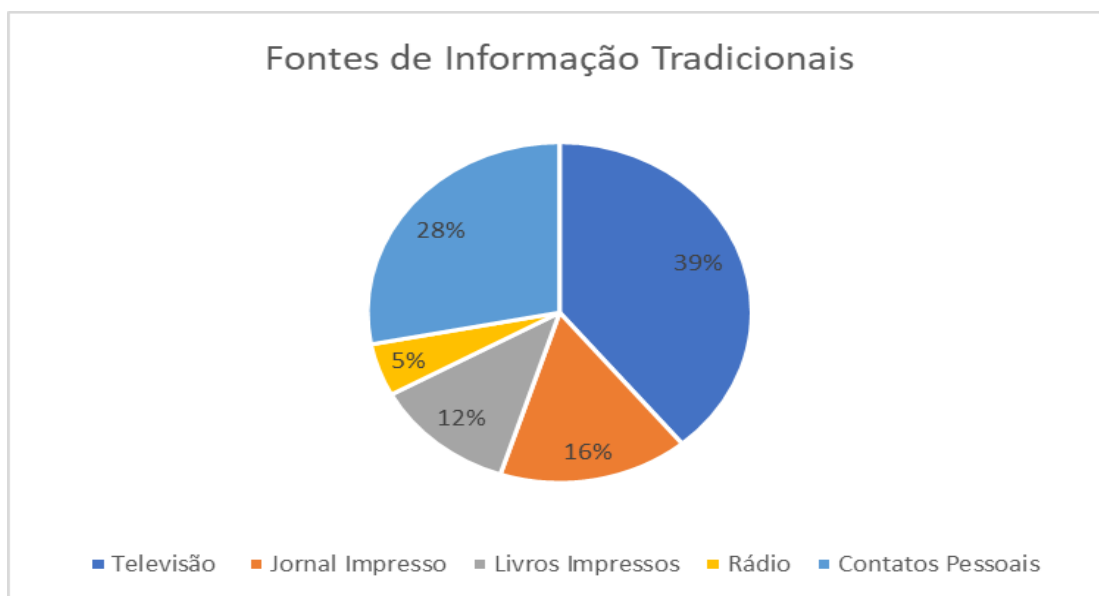
5.1 FONTES DE INFORMAÇÃO UTILIZADAS

Conceitualmente, as fontes de informação podem ser compreendidas, de acordo com a BIREME (2001, p. 7), como “qualquer recurso que responda a uma demanda de informação por parte dos usuários, incluindo produtos e serviços de informação, pessoas ou rede de pessoas, programas de computador, etc.”. No âmbito deste estudo, as fontes de pesquisa foram denominadas como: a) fontes de informação tradicionais (televisão, rádio, jornal impresso, livro impresso, bibliotecas, arquivos, museus e contatos pessoais presenciais) e b) fontes de informação digitais (*internet*, redes sociais: *WhatsApp*, *Instagram*, *YouTube*, *Facebook* e *X* (antigo *Twitter*), *E-books* e bibliotecas digitais).

Em termos destas fontes de informação utilizadas, os dados coletados evidenciaram a presença de dois tipos: fontes de informação tradicionais (rádio, televisão, jornal impresso, livro impresso e contatos pessoais presenciais), e fontes de informação digitais (redes sociais: *WhatsApp*, *Facebook*, *Instagram* e *YouTube*).

Relativo às fontes de informação tradicionais, se destacaram a televisão (39%) e contatos pessoais presenciais (28%), representando conjuntamente mais da metade (67%) das fontes de informação tradicionais citadas pelos pesquisados. Citadas em menor proporção e em uso reduzido, tem-se outras fontes de informação tradicionais: jornal impresso (16%), livro impresso (12%) e rádio (5%), totalizando 33%. Estes dados podem ser visualizados no gráfico 1, a seguir:

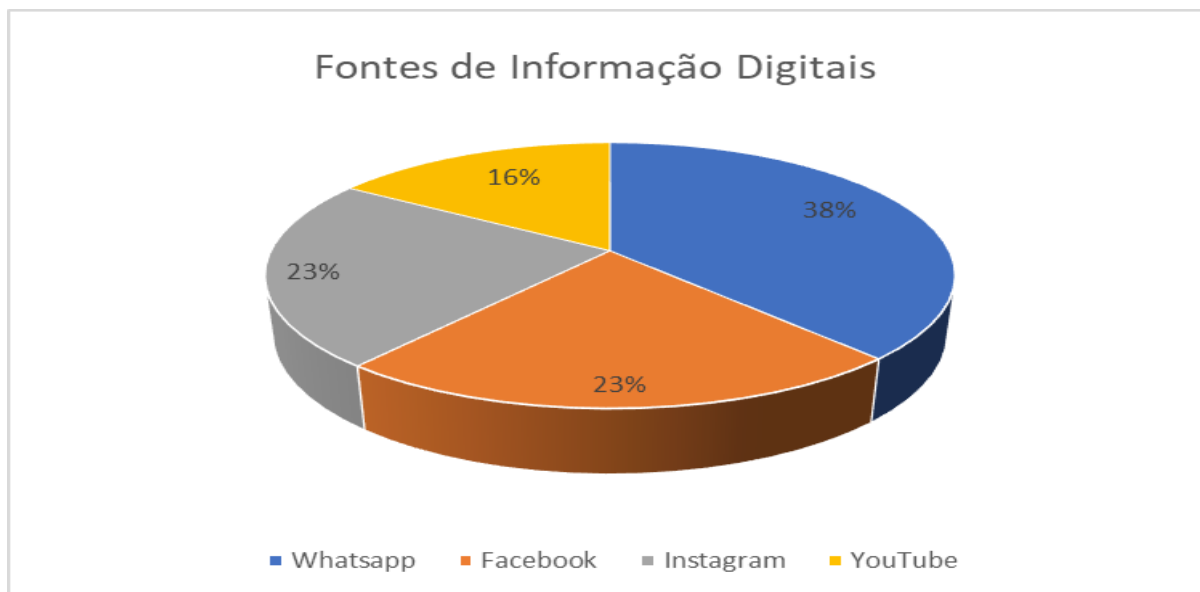
Gráfico 1 – Fontes de Informação Tradicionais



Fonte: Dados de pesquisa (2024)

Relativo às fontes de informação digitais, os dados coletados evidenciaram que o *WhatsApp* (38%) e o *Facebook* (23%) são as redes sociais mais utilizadas, seguidas pelo *Instagram* (23%) e o *YouTube* (16%). Estes dados podem ser visualizados no gráfico 2, a seguir:

Gráfico 2 – Fontes de Informação Digitais



Fonte: Dados de pesquisa (2024).

Vale salientar que o uso do livro impresso (12%) como fonte de informação tradicional não se mantém quando os pesquisados citaram as fontes de informação digitais, ou seja, o uso desta fonte de informação tradicional não evoluiu para seu congênere digital, uma vez que não foi citado o uso de e-books como fonte de informação. Tal situação possibilita se considerar que a leitura de livros impressos pode estar perdendo espaço no comportamento informacional dos pesquisados, de forma que novas práticas de leitura (*online*) podem estar sendo implementadas pelos idosos pesquisados. Esta é apenas uma hipótese, que deve ser verificada em pesquisas futuras.

A partir dos dados apresentados sobre as fontes de informação apontadas pelos entrevistados, pode-se considerar que os idosos pesquisados estão vivenciando um intenso processo de uso de fontes de informação digitais e que o uso de fontes de informação tradicionais se apresenta em processo de redução (apenas por meio da televisão e de contatos pessoais presenciais). Tal configuração indica uma transição em termos dos comportamentos de busca e uso de informações, uma vez que estes processos estão ocorrendo, em grande

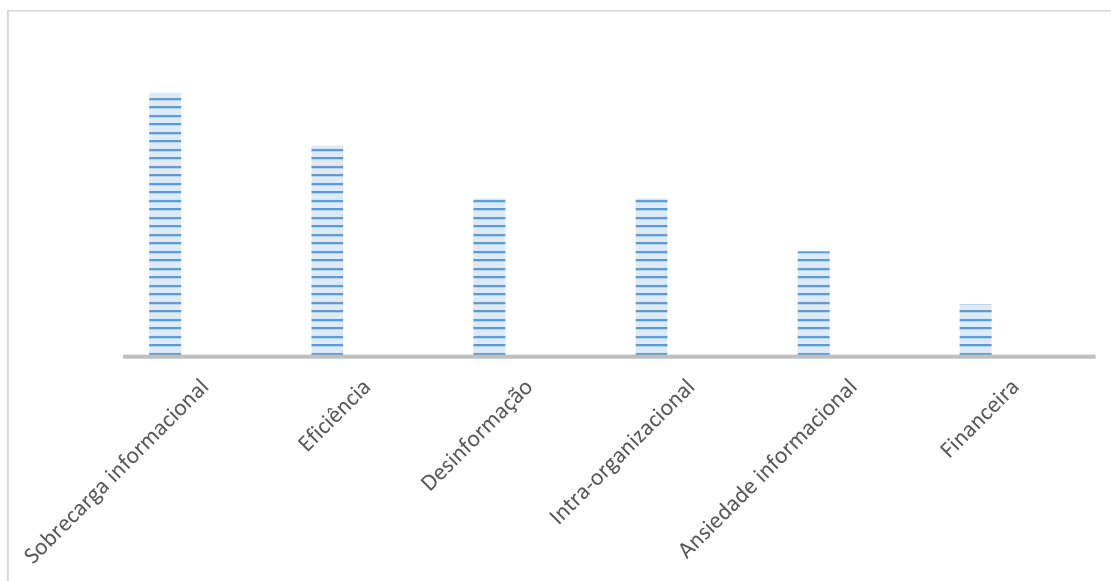
parte, por meio das fontes de informação digitais. Este cenário revelado pelo uso de fontes de informação gera uma indagação: Como este momento de transição, em termos de uso de fontes de informação, pode estimular a geração de barreiras informacionais? A resposta a esta questão será respondida com a identificação destas barreiras, no item a seguir.

5.2 BAREIRAS INFORMACIONAIS VIVENCIADAS

Conforme Araújo (2021), as barreiras informacionais são elementos que compõem o fenômeno informacional, e dificultam a determinação das necessidades, a busca competente e o uso efetivo da informação. De forma específica, as barreiras informacionais se relacionam diretamente ao sujeito informacional e suas habilidades em determinar as necessidades informacionais, bem como em desenvolver buscas e usos efetivos de informação. A partir desta compreensão conceitual, apresentam-se os dados relativos às barreiras informacionais vivenciadas pelos idosos pesquisados.

As barreiras informacionais identificadas foram sobrecarga informacional (50%); de eficiência: manuseio de tecnologias de informação e acessibilidade a serviços de informação digital (40%); desinformação (30%); intra-organizativas: atendimento na UFG (30%); ansiedade informacional: depressão (20%); e financeira (10%). Estes dados podem ser visualizados no gráfico 3, a seguir:

Gráfico 3 – Barreiras Informacionais Vivenciadas



Fonte: Dados de pesquisa (2024)

A barreira de sobrecarga informacional se destaca em 50% das citações. A sobrecarga informacional pode ser caracterizada, conforme Araújo (2021), por sentimentos permeados por ansiedade e/ou angústia, desenvolvidos pelo sujeito informacional em decorrência da percepção da sua limitação cognitiva e/ou esgotamento mental em termos do uso competente da enorme quantidade de dados e informações à sua disposição. Neste sentido, Garcia e Duarte (2020) afirmam que

O excesso de informações, muitas vezes conflitantes, torna difícil encontrar aquelas que são verdadeiramente úteis para orientar as pessoas e pode dificultar a tomada de decisão. Ademais, o constante bombardeio de informações que alcança as pessoas por diversos meios e mídias (televisão, rádio, internet, smartphones, jornais impressos e eletrônicos, blogs, redes sociais e aplicativos de conversas) acaba por sobrecarregar as pessoas. Com isto, muitas vezes, as pessoas se sentem ansiosas, deprimidas ou até mesmo exauridas e incapazes de responder às demandas reais de suas vidas. (Garcia; Duarte, 2020, p. 2)

As causas mais citadas na literatura para o surgimento da sobrecarga informacional são: exposição intensa à informação, acúmulo de funções/atividades que demandam buscas constantes de informação, design da informação em espaços digitais (*sites*, *blogs*, redes sociais, etc.), a globalização econômica, política e cultural que ampliou o acesso a dados e informações em

larga escala, a reduzida competência informacional dos usuários da informação, a dependência tecnológica e o excesso de fontes de informação.

Em termos da barreira de sobrecarga informacional, a literatura indica as seguintes consequências: cansaço, confusão, falta de atenção e de concentração e reprodução de *fake news*, que pode ser compreendida, conforme Ançanello, Casarin e Furnival (2023, p. 29), como “informações fabricadas que imitam o formato de apresentação do conteúdo de mídias de notícia, mas não quanto ao processo de organização ou intenção”. Vale salientar que a barreira de sobrecarga informacional se relaciona fortemente à dimensão emocional destacada por Kuhlthau (1991).

Em um segundo momento, destaca-se a barreira de eficiência (relativa a manuseio de tecnologias de informação e acessibilidade a serviços de informação digital: Meu INSS e Meu Imposto de Renda), com 40% das citações. No âmbito desta barreira, os idosos pesquisados relataram dificuldades em manusear funcionalidades de computadores, celulares e redes sociais. A origem desta barreira se localiza na ausência de políticas de inclusão digital para os idosos, o que pode levar a recusa e/ou afastamento por parte deles em desenvolver competências para o uso adequado destas tecnologias. Neste sentido, Pires (2015, p. 132) afirma que “os idosos necessitam desenvolver competência informacional, principalmente no uso dos variados dispositivos do computador e de outras tecnologias de informação”. Vale salientar que esta barreira se relaciona diretamente à dimensão cognitiva.

Em um terceiro momento, se destaca a barreira de desinformação. Conforme os dados coletados, esta barreira informacional obteve 30% das citações. Pinheiro e Brito (2014) consideram que a desinformação se caracteriza como informação falsa ou imprecisa, que objetiva provocar engano ou confusão. Assim, a desinformação distorce a realidade por meio de informações inverídicas que atendem a interesses particulares e não se baseiam em fatos comprovadamente verdadeiros. As consequências desta barreira concretizam de forma danosa para o usuário da informação, uma vez que ele não se apropria de fatos e dados que possam ser verificados sobre a realidade que vivencia e, desta forma, desenvolve visões e posicionamentos distorcidos que ampliam o

desconhecimento da realidade vivenciada. Vale salientar que a barreira de desinformação se relaciona a dimensão emocional.

A barreira informacional intra-organizativa (atendimento na UFG) foi citada por 30% dos idosos pesquisados. Esta barreira evidencia o atendimento deficiente que os docentes aposentados recebem de alguns setores da Universidade Federal de Goiás (UFG). A origem desta barreira se localiza em estruturas organizacionais despreparadas para o atendimento de públicos diferenciados, tanto em suas necessidades, quanto na forma de se comunicar a partir dos diferentes níveis: sociais, econômicos e de idade dos usuários de informação. Vale salientar que esta barreira se relaciona a dimensão situacional.

A barreira ansiedade informacional (especificamente a depressão) foi citada por 20% dos idosos pesquisados e pode estar revelando condições de saúde debilitadas que necessitam de apoio psicológico especializado. Pode-se também considerar que esta barreira informacional de natureza emocional se relaciona a sobrecarga informacional pois esta patologia informacional, conforme Araújo (2021), se caracteriza por sentimentos permeados por ansiedade e/ou angústia, desenvolvidos pelo sujeito informacional em decorrência da percepção da sua limitação cognitiva e/ou esgotamento mental em termos do uso competente da enorme quantidade de dados e informações à sua disposição. Vale salientar que esta barreira informacional se relaciona a dimensão emocional.

A barreira informacional de natureza financeira foi citada 10% dos idosos pesquisados, e se relaciona à dificuldade em conciliar o valor da aposentadoria e o custo de vida, principalmente para a manutenção de assinatura de jornal/revistas ou compra de livros impressos. Neste sentido, a internet pode se constituir numa fonte de informação com custos mais reduzidos e, desta forma, mais acessível para estes idosos. Vale salientar que esta barreira informacional se relaciona a dimensão situacional.

Tendo em vista estas considerações, pode-se verificar que as dimensões que mais se destacam a partir das barreiras informacionais verificadas são as seguintes:

- 1) Dimensão emocional: Barreiras informacionais de - Sobrecarga

informacional (50%), desinformação (30%) e ansiedade informacional (20%);

2) Dimensão situacional: Barreiras informacionais Intra-organizativas (30%) e financeira (10%);

3) Dimensão cognitiva: Barreira informacional de eficiência (40%)

Vale salientar que, no âmbito da relação das barreiras informacionais com suas dimensões, o aspecto emocional se destaca. Os estados emocionais motivam e determinam a maneira como o indivíduo processa e usa a informação. As reações emocionais influenciam e são influenciadas pela capacidade do usuário de construir significado, focalizar a busca, distinguir informações relevante e irrelevantes, lidar com o emocional e as expectativas e aprofundar seus conhecimentos. (Kuhlthau, 1991).

Tal destaque deve ser analisado com maior atenção pois pode indicar que esta dimensão está se fortalecendo junto a estes sujeitos informacionais, no sentido de ampliar as dificuldades de busca de informação e, desta forma, reduzir ou impossibilitar o uso efetivo da informação como recurso de conhecimento e de apoio a ação autônoma e qualidade de vida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar as barreiras informacionais vivenciadas por idosos (docentes aposentados da Universidade Federal de Goiás (UFG) e filiados ao Sindicato dos Docentes das Universidades Federais de Goiás (ADUFG), localizado na cidade de Goiânia (GO). Para atingir este objetivo, foi elaborada revisão de literatura sobre os temas: pessoa idosa e barreiras informacionais. Também foi realizada uma pesquisa de campo, em que se desenvolveu a caracterização dos pesquisados por meio dos seguintes elementos: gênero e faixa etária. A análise dos dados identificou as fontes de informação utilizadas, verificou as barreiras informacionais vivenciadas pelos pesquisados e relacionou estas barreiras às dimensões: cognitiva, emocional e situacional.

Ficou evidenciado o uso preponderante de fontes de informação digitais (redes sociais: *YouTube*, *Instagram* e *WhatsApp*), em detrimento de fontes de

informação tradicionais (rádio, televisão, jornal impresso, livro impresso e contatos pessoais presenciais).

Em termos das barreiras informacionais, se destacaram as seguintes: sobrecarga informacional (50%), desinformação (30%) e ansiedade informacional (20%). Estas barreiras se caracterizam fortemente pela dimensão emocional que, no grupo de idosos pesquisados, indicam sentimentos negativos (engano ou confusão, *stress*, dúvidas, insegurança, apreensão, insatisfações). Vale salientar que as barreiras informacionais ligadas a dimensão cognitiva (eficiência) e situacional (intra-organizativa e financeira) se apresentaram em níveis reduzidos. Estas dimensões se fizeram presentes nas barreiras informacionais de eficiência (dimensão cognitiva), intraorganizacional e financeira (dimensão situacional).

Estes dados evidenciam que as emoções têm atuado de forma negativa e preponderante no processo de busca e uso de informações por parte dos idosos pesquisados. Considera-se que a relação entre o atual ambiente de constantes e rápidas mudanças relativas as tecnologias de informação e comunicação (TICs), aliado a níveis reduzidos de competências informacionais por idosos, possa ser um elemento que estimule a geração das barreiras informacionais detectadas. Esta possibilidade deve ser estudada posteriormente, com o objetivo de se compreender de forma mais aprofundada os contextos de busca e uso de informação e as barreiras informacionais e suas dimensões.

Concluindo, destaca-se a proposta analítica apresentada nesta pesquisa, no sentido de relacionar o estudo do comportamento de busca e uso de informação às barreiras informacionais e as dimensões (cognitivas, emocionais e situacionais) que estruturam tais barreiras. A reunião destes três elementos, que compõem o fenômeno informacional, pode se constituir em uma alternativa rica para futuras análises sobre esta temática. Considera-se que estes elementos reunidos (busca de informação, uso de informação e barreiras informacionais/dimensões) evidenciam, de forma mais completa, a natureza deste fenômeno, no sentido em que a informação gera possibilidades de confirmação de conhecimento já existente por parte do sujeito informacional,

bem como, a geração de novos conhecimentos. Entretanto, deve-se considerar a possibilidade de que tais dinâmicas sejam prejudicadas pela geração de barreiras informacionais e que estas, por sua vez, se estruturam por meio destas três dimensões básicas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B. Educação a distância na Internet: Abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 2, dez. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/dSsTzcBQV95VGCf6GJbtpLy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 jul. 2025.

ALVES, J. E. D. Envelhecimento populacional no Brasil e no mundo. **Revista Longevidade**, São Paulo, ano 1, n. 3, 2019. Disponível em: <https://revistalongevidade.com.br/antigos/index.php/revistaportal/article/viewFile/787/842#:~:text=Em%20termos%20relativos%2C%20a%20popula%C3%A7%C3%A3o%20idosos%20de%2080%20anos%20Page,percentual%20de%201950%20para%202100>. Acesso em: 03 jul. 2025.

ANÇANELLO, J. V.; CASARIN, H. C. S.; FURNIVAL, A. C. Competência em Informação, fake news e desinformação: análise das pesquisas no contexto brasileiro. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 29, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/125782/88477>. Acesso em: 01 jul. 2024.

ARAÚJO, E. A. **A construção social da informação**: práticas informacionais no contexto de organizações não-governamentais/ONGs brasileiras. 1998. 221 f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 1998. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/34342>. Acesso em: 31 jul. 2024.

ARAÚJO, E. A. Práticas informacionais em ambientes de info-demias: reflexões para o estudo de patologias informacionais. **LIINC em Revista**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, 2021. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5700/5291>. Acesso em 31 jul. 2024.

BAWDEN, D.; ROBINSON, L. The dark side of information: Overload, anxiety and other paradox and pathologies. **Information Science**, Londres, v. 35, n. 2, 2019. Disponível em: journals.sagepub.com. Acesso em: 28 jul. 2024.

BIREME. **Guia 2001 para o desenvolvimento da Biblioteca Virtual em Saúde**. São Paulo: BIREME/OPAS/OMS, 2001.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF,

ano 140, n. 192, p. 1–6, 3 out. 2003. Disponível em:
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso em 31 jul. 2024.

BRASIL. Projeto de Lei nº 5.383, de 2019. Avulso PL 5.383/2019. **Câmara dos Deputados**, Brasília, DF, 2019. Disponível em:
https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1822895&filename=Avulso%20PL%205383/2019. Acesso em 31 jul. 2024.

BRASILEIRO, F. S.; ALMEIDA, A. M. P. Barreiras à informação em saúde nas mídias sociais. **RDBCI: Rev. Dig. Biblioteca e Ci. Info. Campinas**, v. 19, 2021. Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8667199/27644>. Acesso em: 31 jul. 2024.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CEZAR, A. G. **Envelhecimento e trabalho: entre os caminhos da (in) segurança social e das (in)certezas pessoais**. 2018. 220 p. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2018. Disponível em:
<https://repositorio.bc.ufg.br/teseserver/api/core/bitstreams/fb572006-f3c4-4f91-b76c-6b0ff353ffa5/content>. Acesso em: 31 jul. 2024.

CHOO, C. W. **A organização do conhecimento**: como as organizações usam a informação para criar significados, construir conhecimentos e tomar decisões. São Paulo: SENAC/SP, 2003.

DERVIN, B. From the mind's eye of the user: The sense-making qualitative-quantitative methodology. *Qualitative research in information management*, **Rutgers**. [S. l.], v. 9, n. 1, p. 61-84, 1992. Disponível em:
<https://tefkos.comminfo.rutgers.edu/Courses/612/Articles/DervinMindseye.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2024.

DERVIN, B. Human studies and user studies: a call for methodological inter-disciplinarity. **Information Research**. [S. l.], v. 9, n. 1, p. 9-1, 2003. Disponível em: <https://informationr.net/ir/9-1/paper166.html?ref=lorcandempsey.net>. Acesso em: 30 jun. 2024.

GARCIA, L. P.; DUARTE, E. Infodemia: excesso de quantidade em detrimento da qualidade das informações sobre a COVID-19. *Epidemiol. Serv. Saúde*, Brasília, v. 29, n. 4, 2020. Disponível em:
<http://scielo.iec.gov.br/pdf/ess/v29n4/2237-9622-ess-29-04-e2020186.pdf>. Acesso em 31 jul. 2024.

INOMATA, D. O.; PASSOS, K. G. F.; VAZ, C. R.; VARVAKIS, G. J. Barreiras ao acesso e uso da informação: evidências em projetos de inovação. **Brazilian Journal of Information Science**, Marília, v. 11, n. 1, p. 79-89, 2017. Disponível

em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5836631>. Acesso em: 31 jul. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Base de dados Censo 2022. Página Inicial. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html>. Acesso em: 07 jul. 2025.

KUHLTHAU, C. C. Inside the search process: information seeking from the user's perspective. **Journal of the American society for information science**, Roseville, v. 42, n. 5, p. 361-371, 1991. Disponível em: [https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/\(SICI\)1097-4571\(199106\)42:5%3C361::AID-ASI6%3E3.0.CO;2-%23](https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/(SICI)1097-4571(199106)42:5%3C361::AID-ASI6%3E3.0.CO;2-%23). Acesso em 31 jul. 2024.

MATTA, R. O. B. Modelo de comportamento informacional de usuários: uma abordagem teórica. In: VALENTIM, M. (org.). **Gestão, mediação e uso da informação**. São Paulo: UNESP, 2010. p. 127-142. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/j4gkh/pdf/valentim-9788579831171.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2025.

MORAES, S. C. B.; ALMEIDA, C. C.; ALVES, M. R. L. Informação, verdade e pós-verdade: Uma crítica pragmaticista na Ciência da Informação. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 02-22. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2020.e65505/41945>. Acesso em: 31 jul. 2024.

NASCIMENTO, M. A. S.; MATA, M. L. Comportamento informacional de travestis multiplicadoras: a reconstrução da cidadania por meio da informação. 2020. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 16, p. 1-24, 2020. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1308/1196>. Acesso em: 31 jul. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde. Genebra: 2015. Disponível em: <https://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2024.

PINHEIRO, M. M. K.; BRITO, V. P. Em busca do significado da desinformação. **DataGramaZero**: Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 15, n. 6, 2014. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/45886>. Acesso em: 31 jul. 2024.

PIRES, N. M. S. **Necessidades informacionais da pessoa idosa**: estudo no contexto da Universidade Aberta à Terceira Idade da UNEB. 2015. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/19199>. Acesso em: 31 jul. 2024.

RAMOS, R. B. T.; ARAÚJO, E. A. Barreiras em processos de apropriação da informação: estudo junto a entregadores de aplicativos em ambiente de uberização. *In: ENANCIB*, 21., 2021, Rio de Janeiro. **Anais [...]** Rio de Janeiro: Ibict, 2021. p. 1-16. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxienancib/paper/viewFile/623/301>. Acesso em 31 jul. 2024.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1989.

SILVA, E. L. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis, UFSC, 2005.

SILVA, J. A. G. **As necessidades informacionais dos técnicos em transações imobiliárias frente à alternância do mercado imobiliário**. 66f. Trabalho de conclusão de curso - Faculdade de biblioteconomia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/2263/1/JAGS20092017.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2024.

SILVA, M. V. **O comportamento informacional de advogados**: um estudo com profissionais que atuam na cidade de Marília e região. 2010. 114 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/93625>. Acesso em: 31 jul. 2024.

TAVARES, C. F. **Acessibilidade física, nos espaços e mobiliários da biblioteca Nisia Floresta Brasileira Augusta do IFRN – Campus Parnamirim, voltada para os usuários com deficiência física**. 2015. 194 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação, Universidade Americana, Assunção, 2015. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/IFRN_d11272803cd0469eda6600df85921ca3. Acesso em: 12 jul. 2025.

TAYLOR, R. S. Information Use Environments. *In: DERVIN, B.; VOIGT, M. (Orgs). Progress in communication Science*. Norwood: Ablex Publishing, 1991.

WERSIG, G. Information consciousness and Information propaganda. *In: FID/ET 8. TECHNICAL MEETING*, Madrid, 1976.

INFORMATIONAL BARRIERS EXPERIENCED BY ELDERLY PEOPLE: ANALYSIS AMONG RETIRED PROFESSORS FROM HIGHER EDUCATION

ABSTRACT:

Objective: Analysis of informational barriers experienced by elderly people (retired professors from the Federal University of Goiás-UFG). To this end, it identifies the sources of information used. It checks the informational barriers that reduce and prevent the effective use of information and proposes the analysis of the dimensions (cognitive, emotional, and situational) as elements that constitute informational barriers. The research used a structured random sample based on 2 (two) criteria: a) retired professors from UFG who are 60 years or older and affiliated with the ADUFG, Union and b) retired professors who expressed their agreement to participate during the period scheduled for conducting the interviews. **Method:** Based on these definitions, forty-three teachers were interviewed, eighteen men (42%) and twenty-five women (58%). Data collection was conducted through guided interviews. **Results:** Data analysis revealed the dominant use of digital information sources (social networks: YouTube, Instagram, and WhatsApp) to the detriment of traditional information sources (radio, television, printed newspapers, printed books, and face-to-face personal contacts). In this sense, the elderly people surveyed are experiencing a strong transition towards the intensive use of digital information sources. In terms of information barriers encountered, the following stood out: information overload (50%), misinformation (30%) and information anxiety (20%). **Conclusion:** It is considered that the study of informational barriers and their dimensions allows a more complete understanding of informational behavior and, secondly, the understanding of the informational phenomenon in a broader way. Based on these understandings, planning and implementing information services and products that are more useful to information subjects is possible. Reducing or eliminating these barriers currently constitutes one of the biggest challenges for maintaining the integrity of information and its competent and ethical use.

Keywords: Information Barriers – Elders. Information barriers – dimensions. Informational behavior. Retired professor – Higher education.

BARRERAS INFORMATIVAS QUE ENFRENTAN LAS PERSONAS MAYORES: ANÁLISIS ENTRE PROFESORES JUBILADOS DE EDUCACIÓN SUPERIOR

RESUMEN:

Objetivo: Análisis de las barreras informativas vividas por personas mayores (profesores jubilados de la Universidad Federal de Goiás-UFG). Para ello, identifica las fuentes de información utilizadas y comprueba las barreras informativas que reducen y/o impiden el uso efectivo de la información y propone también el análisis de las dimensiones (cognitiva, emocional y situacional) como elementos que constituyen las barreras informativas. **Método:** A partir de estas definiciones se entrevistó a 43 docentes, 18 hombres (42%) y 25 mujeres (58%). La recolección de datos se realizó a través de entrevistas guiadas. **Resultados:** Del análisis de los datos se evidenció el uso preponderante de fuentes de información digitales (redes sociales: YouTube, Instagram y WhatsApp) en detrimento de las fuentes de información tradicionales (radio, televisión, periódico impreso, libro impreso y presencial). En este sentido, las personas mayores encuestadas están experimentando una fuerte transición hacia el uso intensivo de fuentes de información digitales. En cuanto a las barreras informativas experimentadas, destacaron: sobrecarga informativa (50%), desinformación (30%) y ansiedad informativa (20%). **Conclusión:** Se considera que el estudio de las barreras informacionales y sus dimensiones permite, en primer lugar, una comprensión más completa del comportamiento informacional y, en segundo lugar, la comprensión del

fenómeno informacional de forma más amplia. Sobre la base de estos conocimientos, es posible planificar e implementar servicios y productos de información que sean más útiles para los sujetos de la información. Reducir o eliminar estas barreras constituye actualmente uno de los mayores desafíos para mantener la integridad de la información y su uso competente y ético.

Descritores: Barreras informativas – Adultos Mayores. Barreras informativas – dimensiones. Comportamiento informativo. Docentes jubilados – educación superior.

Recebido em: 01.08.2024

Aceito em: 08.07.2025